



INSTITUTO LUSO-ÁRABE PARA A COOPERAÇÃO
المعهد البرتغالي العربي للتعاون

COMEMORAÇÕES DO 33º ANIVERSÁRIO DO INSTITUTO LUSO-ÁRABE PARA A COOPERAÇÃO

Grémio Literário, 26 de julho de 2018, 18:45 - Sessão de Abertura

Intervenção de António Figueiredo Lopes - Presidente do Conselho Geral:

Senhora Secretária de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, Dra. Teresa Ribeiro

Senhor Presidente do Grémio Literário, Dr. António Pinto Marques

Senhor Presidente do Instituto Luso-Árabe para a Cooperação, Dr. Manuel Pechirra

Sr. Dr. Khalid Jamal

Senhores Embaixadores

Prezados Membros do ILAC

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Quero em primeiro lugar dirigir uma saudação a Sua Excelência a Secretária de Estado da Cooperação e dos Negócios Estrangeiros, Senhora Doutora Teresa Ribeiro e agradecer a sua disponibilidade para presidir a esta sessão comemorativa de mais um aniversário do Instituto Luso-Árabe para a Cooperação.

Saúdo também a presença dos senhores Embaixadores e de tantos ilustres Convidados, que quiseram honrar-nos com a sua presença neste evento, que representa, como sabem, um ponto culminante na vida do ILAC.

Quero ainda agradecer ao Senhor Presidente do Grémio Literário, Dr. António Pinto Marques, as facilidades que nos tem concedido para realizarmos grande parte dos nossos eventos neste magnífico palacete e nesta histórica biblioteca, assim como as suas palavras de abertura e o privilégio que nos deu de aqui anunciar mais uma das suas tão louváveis iniciativas. Ligar Portugal, o Mediterrâneo e a África, está aliás em consonância com a nova visão estratégica nacional e europeia.

Senhora Secretária de Estado, Minhas Senhoras e meus Senhores

O Instituto Luso-Árabe para a Cooperação foi constituído em 1985, num tempo marcado por acontecimentos que moldaram a sociedade portuguesa e foram decisivos para o futuro de Portugal, como é o caso da Integração do nosso país na União Europeia. Foi neste contexto que um grupo de portugueses ilustres do mundo académico, empresarial e político, certamente motivados pela necessidade de reafirmação e valorização do vasto espaço geopolítico português, sem prejuízo da nossa integração no espaço europeu, decidiram juntar-se e criar uma organização não governamental que pudesse contribuir para fortalecer a posição de Portugal numa região que é a única vizinhança de proximidade não europeia do nosso País.

Se é certo que Portugal não é, geograficamente, um país mediterrânico, são, na verdade, os seus laços históricos e seculares com os povos desta região que lhe permitem apresentar-se na Europa como um dos Estados membros que melhor entende as importantes questões do espaço euro-mediterrânico e os desafios de desenvolvimento e de segurança que presentemente atravessam toda essa região.

Trata-se de um espaço geoestratégico único envolvido tanto pelo Mediterrâneo como pelo Atlântico, com uma importância vital para a segurança da Europa.

Pode mesmo dizer-se que a segurança dos países do sul do Mediterrâneo é também uma questão de segurança nacional para Portugal e para todos os estados membros da União Europeia. Como sabem, diversos países da martirizada região do Sahel são vítimas de uma crise multidimensional, com manifestações de corrupção, má governação e outras debilidades estruturais, agravadas por desafios e riscos naturais, como a seca e a fome, que afetam todos os níveis da sociedade e podem levar à violência. É preciso também acrescentar a presença da alta criminalidade, do tráfico de seres humanos e do jihadismo em ascensão nesta região para termos o cenário completo de fatores de insegurança naquela região.

Em consequência, pode dizer-se que o Sahel é uma fonte de alta instabilidade para o Magrebe e, por extensão, para a Europa. Sob o ponto de vista económico e demográfico, preveem alguns analistas que, nos próximos anos, o sul do Mediterrâneo será o principal destino de mais de 100 milhões de desempregados e de pessoas à procura de sobrevivência fugindo de um espaço ecológico onde as alterações climáticas e as secas podem vir a reduzir as economias da região em um sexto de sua riqueza atual. Acresce que países como o Mali, a Nigéria ou o Chade, que já hoje enfrentam o avanço do deserto e a fome, têm taxas médias de fecundidade de seis a sete filhos por mulher.

São estes desafios e ameaças que justificam que o envolvimento da União Europeia na região do Sahel tenha aumentado drasticamente nos últimos anos, sobretudo em operações de manutenção da paz - onde também participam militares portugueses. Missões que estão em consonância com a nova estratégia Global para Política Externa e de Segurança, uma estratégia que se preocupa com a consolidação da paz e a resiliência dos Estados e das sociedades na vizinhança da Europa.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Para além destas considerações mais centradas sobre as preocupações de segurança na região mediterrânica, que apelam à cooperação euro-mediterrânica, julgo que todos estamos de acordo que a nova ordem internacional é hoje marcada por uma globalização sem alma com tendência para a uniformização e que, por isso mesmo, encontra a resistência dos povos que desejam melhorar os seus padrões de vida, mas querem manter-se fiéis à sua cultura e identidade.

Nestes termos, diversos autores reconhecem que o processo de globalização, longe de ser simplesmente um processo unificador, potencia diferenciações em termos geográficos, étnicos e culturais, estando associado a novas dinâmicas geopolíticas de regionalismo influenciadas pelo princípio segundo o qual “cada país tem a política da sua geografia”.

É neste contexto que, em minha opinião, organizações como o ILAC, podem desempenhar um papel muito interessante, porque elas carregam consigo a capacidade de dinamização de laços históricos e culturais muito profundos e diversificados entre povos e nações que se encontraram há muitos séculos e se mantêm ligados pela geografia, pela cultura e pela economia.

Pela sua natureza, enquanto organizações da sociedade civil sem os constrangimentos do Estado, pelos seus métodos de trabalho assentes na amizade e respeito mútuo, estas organizações não governamentais podem constituir-se como espaços privilegiados para o desenvolvimento de mecanismos geradores de confiança, essa palavra mágica sem a qual não há relações sólidas e permanentes, nem entre as pessoas nem entre os Estados.

É nesta perspetiva estratégica que o ILAC, em parceria com outras instituições nacionais e estrangeiras tem vindo a participar na promoção de reflexões atualizadas sobre a evolução da cooperação política, cultural, económica e empresarial entre Portugal e os Países do mundo árabe, tanto no quadro bilateral como no âmbito regional, procurando dar o seu contributo para a abertura de novas vias que ajudem a fortalecer o diálogo, a cooperação e a amizade entre o povo português e os povos árabes.

Como Presidente do Conselho Geral do ILAC, devo confessar que tem sido um grande prazer apoiar o Presidente Manuel Pechirra e os seus mais próximos colaboradores; gostaria, sobretudo, de testemunhar a sua dedicação e as suas preocupações genuínas pela projeção do papel do Instituto no fortalecimento das relações de amizade e cooperação luso árabe, na convicção de que partilhamos valores e interesses estratégicos comuns, o mais importante dos quais é a construção de um espaço alargado de segurança, de paz e de desenvolvimento económico e social de que todos possamos beneficiar.

Muito obrigado pela vossa atenção

Lisboa, 26 de julho de 2018

António Figueiredo Lopes